



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço com oficiais-generais**

Clube do Exército - Brasília - DF, 15 de dezembro de 2006

Eu queria cumprimentar o ministro Waldir Pires,
Cumprimentar a ministra Dilma Rousseff,
Cumprimentar o Paulo Bernardo,
Cumprimentar o Almirante-de-Esquadra Roberto de Guimarães
Carvalho, comandante da Marinha,

O General de Exército Francisco Roberto de Albuquerque, comandante
do Exército,

O Tenente-Brigadeiro-do-Ar Luís Carlos da Silva Bueno, comandante da
Aeronáutica,

Quero cumprimentar todos os senhores oficiais-generais

Quero dizer para vocês que, desde o almoço do ano passado, eu tinha
dito ao Albuquerque que eu imaginava que pudéssemos fazer, em algum
momento, uma reunião em que o governo pudesse dizer aos seus oficiais-
generais aquilo que o governo está pensando em fazer pelo País. Nós falamos
com a imprensa todos os dias, nós falamos com políticos todos os dias, nós
falamos com curiosos todos os dias, e por que não falar com as nossas Forças
Armadas para que todos os nossos oficiais, onde quer que estejam, saibam o
que o governo está pensando para o futuro deste país.

Eu quero fazer isso num momento importante da nossa história. Eu não
diria que o Brasil está vivendo um momento mágico, mas o Brasil está vivendo
o momento de consolidação de algumas coisas com que não tínhamos o hábito
de conviver com a tranquilidade que estamos convivendo hoje. Do ponto de
vista da macroeconomia, este é um momento que pode permitir que eu diga a



todos os senhores que o Brasil está preparado para dar o passo seguinte, o passo do crescimento econômico e o passo da distribuição de renda, até porque nós já temos muita experiência de crescimentos econômicos virtuosos e vigorosos, em que o resultado final foi a concentração de renda e, portanto, uma deterioração na base da nossa sociedade.

Eu queria pedir que a ministra Dilma e o Paulo Bernardo fizessem uma exposição para vocês, para perceberem o que nós estamos pensando, do ponto de vista de investimentos em infra-estrutura. E pensando, não apenas o Brasil, mas pensando a América do Sul, porque eu estou convencido de que o século XXI precisa ser o século do Brasil. Nós já perdemos o século XIX, nós já perdemos o século XX, ou seja, outros países conseguiram avançar, se desenvolver e nós fomos ficando para trás. Nós, hoje, estamos convencidos de que o Brasil precisa crescer, de que a América do Sul precisa crescer e de que o Brasil é o país que pode dar uma espécie de dinâmica para oferecer oportunidades aos outros países, sobretudo no que diz respeito à infra-estrutura de integração que nós estamos fazendo.

Eu imaginava que, fazer tudo isso, sem permitir que a gente levasse a nossa sociedade a um empobrecimento maior, era o desafio que estava colocado para nós. Hoje, eu posso dizer aos senhores que a situação da parte mais empobrecida da população é menos pior do que já foi, parte das pessoas conquistaram a sua cidadania, os empregos apareceram mais do que nos últimos 12 anos, e nós precisamos sempre, ao olhar o Brasil, comparar o Brasil de hoje com o Brasil de alguma época.

É importante lembrar que, em 1970, o Brasil tinha 90 milhões de habitantes. De lá para cá, passados 36 anos, nós temos 190 milhões de habitantes, crescemos 100 milhões. É verdade que a economia cresceu, mas a distribuição de renda não cresceu proporcional ao crescimento da população e nem ao crescimento da renda nacional. Daí porque nós chegamos ao século XXI com um conjunto de pessoas vivendo em situação de miséria absoluta, o



que nos obrigou a criar o Programa Bolsa Família.

Pois bem, se nós analisarmos outros dois períodos da história brasileira, nós vamos perceber o milagre brasileiro, entre 1968 e 1973, no governo do presidente Médici que, do ponto de vista eminentemente de crescimento econômico, não tem similar na história do Brasil. Eu me lembro porque eu era dirigente sindical, naquela época, estava dentro da fábrica e eu me lembro de que a oferta de emprego era de tal magnitude, que uma empresa ia para a porta da outra roubar trabalhador, ou seja, com um carro de som dizendo: “A minha fábrica paga mais”. Então, o trabalhador que estava na fila para arrumar emprego, saía para ir para a outra.

Nós chegamos a crescer, em 1973, 13,94%, ou seja, muito mais do que a China cresce hoje. Mas, quando a gente olha o resultado, a gente fica abismado. É que, primeiro, o Brasil não teve a cultura de crescer com inflação baixa. Toda vez que o Brasil teve um grande crescimento, ele teve uma grande inflação. Segundo, esse crescimento econômico não significava um aumento da renda dos pobres. Nesse caso, o salário mínimo diminuía na medida em que o PIB crescia. Só para ter idéia, quando o PIB cresceu 13,94%, o salário mínimo teve menos 3,4% de reajuste.

Se a gente pegar um outro momento auspicioso da história do Brasil, que foi a presidência do Juscelino Kubitschek, é o mesmo retrato. A economia cresceu, em média, 8 a 9% ao ano, mas a inflação era, em média, de 22 ou 23% e o salário mínimo decaiu na maioria dos casos. Estou dizendo isso para dizer para vocês que poucas vezes na história do Brasil se combinou o desenvolvimento, o crescimento econômico com a distribuição de renda e com a justiça social. Poucas vezes. E nós conseguimos estabelecer um padrão em que não crescemos tanto mas, é o maior aumento do salário mínimo dos últimos anos. Aliás, nos últimos 30 anos, o salário mínimo não cresce como cresceu no nosso governo.

Isso permite, agora, depois de todos esses ajustes, depois de todos os



sacrifícios que nós fizemos, depois de fazer uma política fiscal muito séria, depois de diminuir a nossa dívida externa, devolver para o FMI o que era dele, reconquistar a nossa independência, depois de ter uma reserva em dólar superior à dívida externa pública brasileira. Portanto, nós somos superavitários na questão da dívida externa, depois de ver o crescimento vigoroso do mercado interno, sobretudo com a indução de uma política de crédito que nós não tínhamos na história do Brasil – com o crédito consignado foram 47 bilhões de reais jogados no mercado para que o povo pudesse consumir, comprar as coisas que ele precisa – nós, agora, queremos dar um outro passo.

Essa é a razão pela qual eu fui candidato à reeleição e fui reeleito. Acho que o povo brasileiro deu uma demonstração de sabedoria política como há muito tempo ele não tinha dado, não permitiu intermediação entre a sua vontade e o voto, ele decidiu, contra tudo e contra todos, aquilo que era a sua vontade pessoal, e os resultados disso permitem que agora nós tenhamos um desafio. Eu, agora, não tenho mais que fazer nenhum discurso comparando o meu governo ao governo daqueles que eu substituí. Eu, agora, vou ter que fazer discurso comparando o meu segundo mandato com o primeiro. Agora, a vidraça sou eu, de mim mesmo. Jogarei as pedras, portanto, com mais cautela.

Mas o dado concreto é que, ao pensar o Brasil estrategicamente para os próximos anos, nós estamos dizendo a todo o Brasil que não estamos dispostos a conviver mais quatro anos discutindo a miséria, e que na hora de fazer o orçamento é como se estivéssemos em uma casa que não tem pão, onde todo mundo briga e ninguém tem razão. O cobertor é curto e o único jeito de a gente poder atender as necessidades de todos os setores da sociedade brasileira, de todos os ministros, das Forças Armadas brasileiras, é a economia crescer. Ela crescendo, vai crescer a renda nacional e, portanto, a gente vai ter dinheiro para fazer as coisas. Se não crescer, nós não iremos a lugar nenhum.

Eu quero lembrar que faz exatamente 20 anos, ou melhor, 26 anos que a economia brasileira não cresce. E faz muito tempo que não se investe em



infra-estrutura. O último presidente a investir em infra-estrutura foi o presidente Geisel, que depois deixou um pepino para o presidente Figueiredo, que não podia pagar as dívidas contraídas por causa da infra-estrutura. De lá para cá, nós não temos grandes obras de infra-estrutura e, mais grave, em muitos casos, não fizemos a manutenção daquilo que já estava pronto.

Agora, o desafio que está colocado para nós é o de dar o passo seguinte. Qual é o passo seguinte? É fazer o Brasil crescer, é fazer investimento em infra-estrutura, resolver o problema das nossas rodovias, das nossas ferrovias, dos nossos portos, dos nossos aeroportos e fazer, não na medida do possível apenas, mas ser mais criativo e fazer de forma mais arrojada, porque se não fizermos de forma mais arrojada, serão mais quatro anos em que não acontecerá o crescimento que nós precisamos que tenha o Brasil.

E nada melhor que próximo ao Natal, num almoço com as Forças Armadas, eu convide vocês a compartilharem, com o conjunto do governo, desse desafio que está colocado para nós: o desafio de fazer a economia brasileira crescer, o desafio de consagrar nossa aliança estratégica dentro da América do Sul, o desafio de fazer com que o Brasil se torne, cada vez mais, país importante nas decisões das políticas mundiais, seja em qualquer esfera de discussão, mas, sobretudo, um país em que a gente possa ver na Amazônia, no Nordeste brasileiro e nas periferias o nosso povo pobre menos pobre, não apenas tomando café, almoçando e jantando, mas estudando e trabalhando, porque é isso que vai consagrar, definitivamente, o Brasil, enquanto uma nação desenvolvida.

O Brasil não tem o direito de jogar fora mais uma oportunidade. Nós não abriremos mão de uma política fiscal rígida, porque só podemos gastar aquilo que nós temos. Nós não abriremos mão de controlar a inflação, porque ela é o maior ganho para a parte mais pobre da população. Mas estejam certos de que este país vai dar um salto de qualidade. Nós estamos trabalhando há 30 dias e



eu penso que, em mais alguns dias, a gente já poderá anunciar algumas medidas na área econômica e as principais obras de infra-estrutura, e vamos começar o ano fazendo as coisas acontecerem neste país. Até porque, no segundo mandato, se a gente não fizer mais do que fez no primeiro, a frustração pode ser muito grande na sociedade brasileira. Portanto, eu assumo o segundo mandato com mais responsabilidade do que assumi o primeiro, com mais compromisso e com muito mais vontade e sabedoria. Ou seja, depois de quatro anos, a gente descobre o caminho das pedras.

Eu quero, portanto, chamá-los ao compartilhamento dessas responsabilidades e desejar a todos vocês um feliz Natal, um bom Ano Novo e que 2007 seja, definitivamente, o grande ano do começo do Brasil se transformar numa grande nação.

Muito obrigado e bom almoço.